

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
**O PODER ULTRAJOVEM**  
**E MAIS 79 TEXTOS EM PROSA E VERSO**

POSFÁCIO

Alcir Pécora

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.

FOTO DA CAPA

Rene Burri/ Magnum Photos/ Latinstock

FOTO DO AUTOR

Fotografia da p. I: retrato de Carlos Drummond de Andrade  
pertencente ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira,  
da Fundação Casa de Rui Barbosa.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Huendel Viana

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa  
e verso/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio  
Alcir Pécora — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das  
Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2615-6

I. Crônicas brasileiras 2. Poesia brasileira 3. Prosa  
brasileira I. Pécora, Alcir. II. Título.

15-05472

CDD-869.93  
-869.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Literatura brasileira 869.8
2. Poesia: Literatura brasileira 869.1
3. Prosa: Literatura brasileira 869.8

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## Sumário

13	O poder ultrajovem
13	I — No restaurante
15	II — No ônibus
19	III — Na delegacia
21	IV — Na escola
23	V — Na poesia
26	Prece do brasileiro
29	O sorvete húngaro
31	J. C., eu estou aqui
33	Procura-se um pai
36	Sebastiões, no dia deles
38	A festa
38	I — Carnaval 1969
40	II — Carnaval 1970
43	Elefantes
46	Obrigado, meu velho
49	Literatura
52	A fila e o que se fala na fila
54	Falta um disco
57	Aquele casal
60	Noite no aeroporto
62	Monodialogo
64	Verão: aqui e agora
66	Cariocas
68	Um carpinteiro, onde?
70	Deusa em novembro
72	Olhos de preá
74	Sem memória
76	Tago-Sako-Kosaka
79	Lembrança de fevereiro
82	Entrevista solta
84	Bárbara escreve

86	Poeta Emílio
88	Assalto
91	Antes da Páscoa
93	Cordisburgo, de passagem
96	Em louvor da miniblusa
99	Reaparece o Vate Noturno
101	Rondó da praça da Liberdade
104	Lua, cara a cara
107	Desenhos de Carlos Leão
108	Atanásio 100%
110	Inventário da miséria
113	Um semestre de vida
115	Atriz
116	O que se diz
118	Carta à princesa de Mônaco
120	Festivais
120	I — Da canção
122	II — Do cinema
125	Gato na palmeira
127	Novo cruzeiro velho
129	Ontem, Finados
131	Luar para Alphonsus
133	Problema escolar
135	O cabo em leilão
137	Hoje não escrevo
139	Com camisa, sem camisa
140	Nhemonguetá
144	O sebo
146	Pelé: 1000
148	Boato da primavera
150	Adeus, Elixir de Nogueira
152	O conselheiro
154	Moça e hipopótamo
156	Versos negros (mas nem tanto)
159	O inseguro
162	Eu, Napoleão...
165	A estagiária pergunta

- 167 Olhador de anúncio  
169 A um senhor de barbas brancas  
172 Chove dinheiro  
174 A uma senhora, em seu aniversário  
176 Lição de ano novo  
179 O Professor Limão  
181 Carrancas do São Francisco  
182 E o Austríaco se casou  
185 Um dia, um amor  
187 Salvar passarinho  
190 Manuel, ou a morte menina  
192 Três presentes de fim de ano  
194 Samba no ar  
197 Tatá, o bom  
199 Apartamento para aeromoça  
201 A luz, no som  
203 Copa do Mundo 70  
203 I — Meu coração no México  
203 II — O momento feliz  
207 Nota da edição
- 209 Posfácio  
*O velho túbio no jardim do hábito,*  
ALCIR PÉCORA
- 231 Leituras recomendadas  
233 Cronologia

# **O PODER ULTRAJOVEM**

## O PODER ULTRAJOVEM

### I — NO RESTAURANTE

— Quero lasanha.

Aquele anteprojecto de mulher — quatro anos, no máximo, de sabrochando na ultraminissaia — entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

— Meu bem, venha cá.

— Quero lasanha.

— Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

— Não, já escolhi. Lasanha.

Que parada — lia-se na cara do pai. Relutante, a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

— Vou querer lasanha.

— Filhinha, por que não pedimos camarão? Você gosta tanto de camarão.

— Gosto, mas quero lasanha.

— Eu sei, eu sei que você adora camarão. A gente pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

— Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

— Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão a gente traça uma lasanha. Que tal?

— Você come camarão e eu como lasanha.

O garçom aproximou-se, e ela foi logo instruindo:

— Quero uma lasanha.

O pai corrigiu:

— Traga uma fritada de camarão pra dois. Caprichada.

A coisinha amou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas

interrogações também se liam no seu rosto, pois os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, ela atacou:

— Moço, tem lasanha?

— Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

— O senhor providenciou a fritada?

— Já, sim, doutor.

— De camarões bem grandes?

— Daqueles legais, doutor.

— Bem, então me vê um chinite, e pra ela... O que é que você quer, meu anjo?

— Uma lasanha.

— Traz um suco de laranja pra ela.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

— Estava uma coisa, hem? — comentou o pai, com um sorriso bem alimentado. — Sábado que vem, a gente repete... Combinado?

— Agora a lasanha, não é, papai?

— Eu estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas você vai comer mesmo?

— Eu e você, tá?

— Meu amor, eu...

— Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.



A senhora subiu, Deus sabe como, em companhia de dois garotos. Cada garoto com sua merendeira e sua pasta de livros e cadernos indispensáveis para a aquisição dos preliminares da sabedoria. (Quando chegarem ao ensino médio, terão de carregar uma papelaria e uma biblioteca?) O ônibus não cabia mais ninguém. A bem dizer, não cabia nem o pessoal que se espremia lá dentro em estado de sardinha. Na massa compacta de gente, ou de seções de gente que a vista alcançava, percebi aquelas mãozinhas tentando segurar as pastas atochadas.

— Deixa que eu carrego — falei na direção de um dos braços a meu alcance. Na qualidade de passageiro sentado, é irresistível minha inclinação para carregar embrulhos alheios. Estou sempre a oferecer préstimos, movido talvez pelo remorso de viajar sentado, e de só ceder lugar a pessoas mais idosas do que eu — pessoas que raramente aparecem no ônibus, de sorte que...

— Eu carrego para vocês — insisti, executando um movimento complicado, para enxergar os rostos dos garotos. O menor olhou-me com surpresa e hesitação, porém o mais velho estendeu o braço, e o primeiro, depois de uma cotovelada ministrada pelo segundo, imitou-o. Fiquei de posse de duas bojudas pastas escolares, que acomodei da melhor maneira possível sobre os joelhos. Conheço perfeitamente a técnica de carregar embrulhos dos outros. Deve-se colocá-los de tal modo que fiquem seguros sem que seja necessário pôr a mão em cima deles. São coisas sagradas. Não devemos absolutamente lançar-lhes um olhar, mesmo distraído. O perfeito carregador de embrulhos do próximo deve olhar para fora do ônibus, aparentemente observando um eclipse ou uma regata, porém na realidade com o pensamento fixo naquele pacote, ou bolsa, de que é depositário. Não vá a coisa cair no chão e quebrar. Não vá alguém subtraí-la. Quando até a Santa Casa é assaltada, tudo é possível. Mas que conterà mesmo esse embrulho? Seria feio manifestar curiosidade, e perigoso abrir um volume que não nos pertence. Mas que gostaríamos de saber o que tem lá den-

tro, isto, humildemente o confesso, em meu nome e no do leitor, é pura, descarnada verdade.

Bom, tratando-se de pastas escolares, não havia segredo a descobrir. A voz da senhora saiu daquele bolo humano:

— Agradece ao moço, Serginho. Agradece, Raul.

Raul (o mais crescido) obedeceu, mas Serginho manteve-se reservado.

Mal se passaram alguns minutos, senti que a pasta de cima escorregava mansamente do meu colo. Muito de leve, a mão esquerda de Serginho, escondida sob um lenço, puxava-a para fora. Compreendi que ele prezava acima de tudo a sua pasta, e deixei que a tirasse. A mãe ralhou:

— Que é isto, Serginho?! Deixe a pasta com o moço.

Serginho, duro.

— Serginho, estou lhe dizendo que deixe a pasta com o moço.

Teve de levantar a voz, para torná-la enérgica. Passageiros em redor começaram a sorrir. Tive de sorrir também.

Muito a contragosto, Serginho voltou a confiar-me sua querida pasta. Um estranho mereceria carregá-la? E se fugisse com ela? Visivelmente, Serginho suspeitava de minha honorabilidade, e os circunstantes se deliciavam com a suspeita.

Mais alguns quarteirões, Serginho repete a manobra. Dessa vez, é radical. Toma sua pasta e a de Raul. Raul protesta:

— Deixa com ele, seu burro. Não vê que eu não posso segurar nada?

A mãe, em apoio de Raul, exprobra o procedimento de Serginho. Este capitula, mas em termos. Só me restitui a pasta do irmão. A sua não correrá o risco. Coloca-a sobre o peito, sob as mãos cruzadas, como levaria o Santo Gral.

— Este menino é impossível. Desculpe, cavalheiro.

Não vejo o rosto da senhora, mas sua voz é doce, e compensa-me da desconfiança do Serginho. Sorrio para este, enquanto retribuo: “Oh, minha senhora, por favor. Até que o seu filhinho é engraçado”.

Engraçado? Serginho faz-me uma careta e ferra-me um beliscão. A assistência ri. A mãe ferra outro em Serginho, que dispara a chorar. Bonito. É no que dá carregar embrulho dos outros. O desfecho deste folhetim urbano, contarei na próxima.

O escrito anterior finalizou com dois beliscões dentro do ônibus: um em mim, aplicado por Serginho, outro em Serginho, aplicado por sua mãe, como castigo pela careta que ele me fizera. Entre as diferentes maneiras de chorar em público, Serginho escolheu a que rende maior dividendo. Botou a boca no mundo, como se cantasse na ópera e, nos intervalos, denunciou-me. Eu é que o tinha beliscado, quando tentara impedir-me de violar a pasta de seu irmão Raul. E mostrava a pasta entreaberta, em desordem. A senhora mudou de fisionomia, censurando-me, com voz alterada:

— Francamente, cavalheiro! Nunca pensei que o senhor tivesse tamanha coragem!

— Perdão, minha senhora, eu...

— Perdão coisa nenhuma. É inútil explicar. Meu filho tinha razão de não querer deixar as pastas com o senhor. Vir com partes de gentileza para segurar as pastas das crianças, e depois vasculhar o que tem lá dentro! Um senhor de barbas brancas fazer uma coisa dessas!...

Os passageiros em redor acompanhavam com o máximo interesse o desenvolvimento da cena. No olhar de todos, a maligna curiosidade, o prazer de ver o próximo em situação grotesca acendia um lume especial. Não precisei encará-los para observar a reação. Senti que estavam de olhos acesos, saboreando a desmoralização do senhor respeitável.

— Minha senhora — retruquei —, o seu garoto é um imaginativo, simplesmente.

— Mentiroso? O senhor tem o atrevimento de chamar meu filhinho de mentiroso?!

— Imaginativo, minha senhora. Eu disse i-ma-gi-na-ti-vo.

— É a mesma coisa. Imaginativo é mentiroso com água-de-colônia. Fique sabendo que eu educo meus filhos no jogo da verdade.

— Não duvido. Pergunte ao Raul, que viu tudo. Confio no Raul.

— Que Raul? Que intimidade é essa com meu filho mais velho? Desde quando o senhor está autorizado a tratá-lo de Raul?

— Ouvi a senhora chamá-lo por esse nome.

— Eu posso chamá-lo assim, mas um estranho tem lá esse direito? Raul, meu bem, você viu esse senhor abrir sua pasta e dar um beliscão no Serginho?

Raul, moita.

— Diz, meu coração, o homem abriu sua pasta, não foi? Depois deu um beliscão no Serginho, não deu?

— Perdão — arrisquei —, a senhora está forçando a resposta de seu filho.

— O filho é meu, não tenho que lhe dar satisfação. O senhor é que está perturbando o interrogatório. Anda, Raul, diz logo o que você viu, menino!

Nada de Raul abrir a boca. Apelei para ele:

— Escute aqui. Você disse a seu irmão que devia deixar a pasta comigo. Depois disso, você viu, você percebeu qualquer gesto de minha parte, tentando abrir a pasta? Não tenha medo de falar.

Raul respondeu, firme:

— Vi, sim senhor. Vi também a hora que o senhor beliscou meu irmão.

— Não é possível!

Raul não disse mais nada. Nem precisava. Eu estava condenado no tribunal das consciências. Envolveu-me a reprovação geral, expressa em murmúrio que soava a meus ouvidos como um brado coletivo: “Crucificai-o!”. Todo o ônibus contra mim, como demonstrar minha inocência?

Foi quando apareceu o defensor público. Por mais que se descreia da generosidade das multidões, de dez em dez anos surge um defensor público em socorro dos oprimidos. Era um homem robusto, sanguíneo, de voz forte:

— Calma, senhores e senhoras. Não podemos condenar este passageiro pela simples declaração de duas crianças. Temos de proceder a uma averiguação, temos de ouvir os adultos presentes.

— O senhor também duvida da palavra de meus filhos?! — protestou a mãe ofendida. — Não faltava mais nada. E que é que o senhor tem com isso?

— A senhora tenha a bondade de calar-se, senão vai tudo para o Distrito.

— O senhor é autoridade para nos prender?

— Sou a voz do povo, madame. Não posso ficar calado quando os direitos do cidadão sofrem uma ameaça.

— Comunista é que o senhor é. Subversivo! Motorista, para esse ônibus que tem um subversivo dentro!

— Para! — gritaram uns.

— Não para! — gritaram outros.

— A senhora está muito enganada. Pensa que intimida, me chamando de subversivo? Sou democrata-cristão e estou ao lado da justiça. Senhores e senhoras, alguém viu esse cavalheiro bulir na pasta do garoto e dar o beliscão?

Ninguém respondeu. Todos falavam ao mesmo tempo e o ônibus voava. A senhora explodiu:

— Covardes! Ninguém para defender uma mulher com seus dois filhos inocentes!

Aí, manifestou-se o defensor de mulheres e filhos inocentes, outra raridade cíclica, interpelando o defensor público. Este respondeu à altura. A coisa engrossou. O sinal fechou. O ônibus estacou. Não sei como, abriu-se a porta dos fundos e, também não sei como, aproveitando a confusão, fugi por ela. Da rua, ainda ouvi a senhora indignada:

— Pega! Pega! Ladrão de pasta!

Carregar embrulho dos outros, eu, hem? Nunca mais.

### III — NA DELEGACIA

— Madame, queira comparecer com urgência ao Distrito. Seu filho está detido aqui.

— Como? O senhor ligou errado. Meu filho detido? Meu filho vive há seis meses na Bélgica, estudando Física.

— E a senhora só tem esse?

— Bom, tenho também o Caçulinha, de dez anos.

— Pois é o Caçulinha.

— O senhor está brincando comigo. Não acho graça nenhuma. Então um menino de dez anos foi parar na polícia?

— Madame vem aqui e nós explicamos.

A senhora correu ao Distrito, apavorada. Lá estava o Caçulinha, cabeça baixa, silencioso.

— Meu filho, mas você não foi ao colégio? Que foi que aconteceu?

Não se mostrou inclinado a responder.

— Que foi que meu filho fez, seu comissário? Ele roubou? Ele matou?

— Estava com um colega fazendo bagunça numa casa velha da rua Soares Cabral. Uma senhora que mora em frente telefonou avisando, e nós trouxemos os dois para cá. O outro garoto já foi entregue à mãe dele. Mas este diz que não quer voltar para casa.

A mãe sentiu uma espada muito fina atravessar-lhe o peito.

— Que é isso, meu filho? Você não quer voltar para casa?

Continuava mudo.

— Eu disse a ele, madame — continuou o comissário —, que se não voltasse para casa teria de ser entregue ao Juiz de Menores. Ele me perguntou o que é o Juiz de Menores. Eu expliquei, ele disse que ia pensar.

— Meu filho, meu filhinho — disse a senhora, com voz trêmula —, então você não quer mais ficar com a gente? Prefere ser entregue ao Juiz de Menores?

Caçulinha conservava-se na retranca. O policial conduziu a senhora para outra sala.

— O que esses garotos estavam fazendo é muito perigoso. Brincavam de explorar uma casa abandonada, onde à noite dormem marginais. Madame compreende, é preciso passar um susto nos dois.

A senhora voltou para perto de Caçulinha, transformada:

— Sai daí já, seu vagabundo, e vamos para casa.

O mudo recuperou a fala:

— Eu não posso voltar, mãe.

— Não pode? Espera aí que eu te dou não-pode.

E levou-o pelo braço, ríspida. Na rua, Caçulinha tentou negociar:

— A senhora me deixa passar em Soares Cabral? Deixando, eu volto direito para casa, não faço mais besteira.

— Passar em Soares Cabral, depois desse vexame? Você está louco.

— Eu preciso, mãe. Tenho de pegar uma coisa lá.

— Que coisa?

— Não sei, mas tenho de pegar. Senão me chamam de covarde. Aceitei o desafio dos colegas, e se não trouxer um troço da casa velha para eles, fico desmoralizado.

— Que troço?

— O pessoal diz que lá dentro tem ferros para torturar escravo, essas coisas. Eu e o Edgar estávamos procurando, ele mais como testemunha, eu como explorador. Mãe, a senhora quer ver seu filho sujo no colégio, quer? Tenho de levar nem que seja um pedaço de cano velho, uma fechadura, uma telha.

A mãe estacou para pensar. Seu filho sujo no colégio? Nunca. Mas e o perigo dos marginais? E a polícia? E seu marido? Vá tudo para o inferno. Tomou uma resolução macha, e disse para Caçulinha:

— Quer saber de uma coisa? Eu vou com você a Soares Cabral.

#### IV — NA ESCOLA

Democrata é dona Amarílis, professora na escola pública de uma rua que não vou contar, e mesmo o nome de dona Amarílis é inventado, mas o caso aconteceu.

Ela se virou para os alunos, no começo da aula, e falou assim:

— Hoje eu preciso que vocês resolvam uma coisa muito importante. Pode ser?

— Pode — a garotada respondeu em coro.

— Muito bem. Será uma espécie de plebiscito. A palavra é complicada, mas a coisa é simples. Cada um dá sua opinião, a gente soma as opiniões e a maioria é que decide. Na hora de dar opinião, não falem todos de uma vez só, porque senão vai ser muito difícil eu saber o que é que cada um pensa. Está bem?

— Está — respondeu o coro, interessadíssimo.

— Ótimo. Então, vamos ao assunto. Surgiu um movimento para as professoras poderem usar calça comprida nas escolas. O governo disse que deixa, a diretora também, mas no meu caso eu não quero decidir por mim. O que se faz na sala de aula deve

ser de acordo com os alunos. Para todos ficarem satisfeitos e um não dizer que não gostou. Assim não tem problema. Bem, vou começar pelo Renato Carlos. Renato Carlos, você acha que sua professora deve ou não deve usar calça comprida na escola?

— Acho que não deve — respondeu, baixando os olhos.

— Por quê?

— Porque é melhor não usar.

— E por que é melhor não usar?

— Porque minissaia é muito mais bacana.

— Perfeito. Um voto contra. Marilena, me faz um favor, anote aí no seu caderno os votos contra. E você, Leonardo, por obséquio, anote os votos a favor, se houver. Agora quem vai responder é Inesita.

— Claro que deve, professora. Lá fora a senhora usa, por que vai deixar de usar aqui dentro?

— Mas aqui dentro é outro lugar.

— É a mesma coisa. A senhora tem uma roxo-cardeal que eu vi outro dia na rua, aquela é bárbara.

— Um a favor. E você, Aparecida?

— Posso ser sincera, professora?

— Pode, não. Deve.

— Eu, se fosse a senhora, não usava.

— Por quê?

— O quadril, sabe? Fica meio saliente...

— Obrigada, Aparecida. Você anotou, Marilena? Agora você, Edmundo.

— Eu acho que Aparecida não tem razão, professora. A senhora deve ficar muito bacana de calça comprida. O seu quadril é certinho.

— Meu quadril não está em votação, Edmundo. A calça, sim. Você é contra ou a favor da calça?

— A favor 100%.

— Você, Peter?

— Pra mim tanto faz.

— Não tem preferência?

— Sei lá. Negócio de mulher eu não me meto, professora.

— Uma abstenção. Mônica, você fica encarregada de tomar



nota dos votos iguais ao de Peter; nem contra nem a favor, antes pelo contrário.

Assim iam todos votando, como se escolhessem o presidente da República, tarefa que talvez, quem sabe? no futuro sejam chamados a desempenhar. Com a maior circunspeção. A vez de Rinalda:

— Ah, cada um na sua.

— Na sua, como?

— Eu na minha, a senhora na sua, cada um na dele, entende?

— Explique melhor.

— Negócio seguinte. Se a senhora quer vir de pantalona, venha. Eu quero vir de mídi, de máxi, de short, venho. Uniforme é papo furado.

— Você foi além da pergunta, Rinalda. Então é a favor?

— Evidente. Cada um curtindo à vontade.

— Legal! — exclamou Jorgito. — Uniforme está superado, professora. A senhora vem de calça comprida, e a gente aparecemos de qualquer jeito.

— Não pode — refutou Gilberto. — Vira bagunça. Lá em casa ninguém anda de pijama ou de camisa aberta na sala. A gente tem de respeitar o uniforme.

Respeita, não respeita, a discussão esquentou, dona Amarílis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos se haviam extremado, falavam todos ao mesmo tempo, ninguém se fazia ouvir, pelo que, com quatro votos a favor de calça comprida, dois contra, e um tanto-faz, e antes que fosse decretada por maioria absoluta a abolição do uniforme escolar, a professora achou prudente declarar encerrado o plebiscito, e passou à lição de história do Brasil.

#### V — NA POESIA

O rapazinho disse à garota:

— Você precisa ter mais cultura, ouviu? Cultura. Fica aí com essas milongas de Caetano, Gil e não sei que mais, e ignora os verdadeiros mestres da poesia. Já ouviu falar em Camões?

— Já. Um chato.

— Rilke?

— Como é o nome dele?

— Emily Dickinson?

— Sei lá.

— Fernando Pessoa?

— Esse é irmão da Tânia, ora.

— Viu como você é burrinha? Irmão da Tânia coisa nenhuma. Quem é a Tânia para merecer um irmão desse gabarito? Fernando Pessoa, meu anjo, é simplesmente o maior...

— Então são dois. Porque Nandinho eu conheço bem, não é de poesia.

— Podem ser mil com esse nome, nenhum chega aos pés do Fernando Pessoa de que eu estou falando. Qual, você tem jeito não.

— Então, por que você diz que gosta de mim? Procure outra que saiba de cor os nomes de todos esses caras.

— Não tem nada uma coisa com outra. Gosto de você por certos motivos. Gosto de você... até nem sei por quê. Mas fico por conta vendo você tão ignorantezinha em poesia, que para mim é o máximo.

— Pois me dá umas aulas de poesia.

— Depois do Carnaval eu dou. Agora você está com a cabeça mal atarraxada. Vamos fazer o seguinte. Te empresto o meu Fernando Pessoa para você dar uma lida salteado e depois conversamos. Muito cuidado com o volume, viu, sua maluca? É de estimação. Se você perder, nem sei o que acontece.

A garota me procurou:

— Posso lhe pedir um favor?

— Dois.

— Estou com um problema sério.

— Esqueceu a pílula?

— Isso é pergunta que se faça? E se eu usasse e esquecesse, era ao senhor que eu recorria?

— Desculpe. Conte o seu problema.

— Meu namorado me emprestou um livro, e o Gibi comeu.

— Quem é o Gibi?

— Meu fox terrier de dois meses. Um cãozinho divino!

— O Gibi comeu o livro. E daí?

— Daí, o livro era de estimação, um tal de Fernando Pessoa. Meu namorado me mata.

— Mas o Gibi papou o livro inteiro?

— Só um pedaço da capa e as primeiras folhas. Quando eu vi e zanguiei com ele (zanguiei de leve, não bati), já tinha papado.

— E então?

— Meu namorado tem muita história com o senhor. Diz que o senhor também é bacana, embora não tanto quanto Fernando Pessoa.

— Obrigado.

— Comprei outro livro para dar a ele. Caro, hem? esse Fernando Pessoa. Gastei quase toda a mesada.

— Por que não devolve o livro meio comido pelo Gibi? Namorado acha graça em tudo.

— Vou devolver, mas ele não ia achar graça. O Gibi comeu a dedicatória.

— De Fernando Pessoa para seu namorado? Sem essa.

— Era do professor do meu namorado. Foi um prêmio que ele ganhou na faculdade.

— Ahn.

— O professor mudou para Brasília, como é que vou me arranjar? Então eu queria que o senhor autografasse o livro novo, para eu entregar junto com o velho, e ele ver que fiz o possível para remediar a começão do Gibi.

— Minha filha, por que vou entrar nessa dança? Não sou o professor, não sou o Pessoa, não sou o Gibi.

— Mas o senhor não está compreendendo que o livro tem de ter um autógrafo? A quem é que eu vou pedir? Ao Jorge Ben, ao Chacrinha? Aí é que ele me enforcava mesmo. Me faz esse favorzinho, faz. Bote aí uma coisa lindinha, diz que o Gibi não teve culpa, que ele gostou demais de Fernando Pessoa, pensou que era doce e regalou-se!

Botei. E no exemplar comido, meu autógrafo seguiu com o de Gibi.